

EDUCOMUNICAÇÃO NÃO É PROFISSÃO

Donizete Soares¹

Educar os mais jovens pelos caminhos escolhidos pelos adultos dessa ou daquela sociedade, utilizando-se dos meios de comunicação é uma estratégia adotada desde os primórdios da história humana.

Educação e Comunicação são fenômenos sociais próprios de qualquer formação grupal. Sempre andaram juntas e, a rigor, querem dizer exatamente a mesma coisa: homem educado é aquele que consegue se comunicar, do mesmo modo que só se comunica o homem educado. Aliás, não há homem sem educação e comunicação, assim como educação e comunicação simplesmente não existem sem o homem; os três termos têm o mesmo significado².

Quando lembramos, na Grécia Antiga, dos exercícios de discursar e convencer (retórica) ou do papel das tragédias como formadoras do tipo de homem desejável naquela época; quando nos referimos ao teatro na idade média, sobretudo o que acontecia na praça pública, espaço de ensino e aprendizagem do desejável homem seguidor da igreja católica romana; quando notamos o antropos moderno tenazmente construído e fortalecido a partir da máquina de Guttemberg; quando observamos, nos séculos da industrialização, os meios de comunicação invadindo todos os espaços, misturando e estampando o público e o privado nas páginas da imprensa escrita; quando apontamos, nos dias atuais, a telenovela, o noticiário, os programas esportivos, os de auditório apresentados durante 24 horas pela tevê, ou jornais, revistas, rádio, computador, internet... é de educação e comunicação que estamos falando.

1 Donizete Soares é professor de Filosofia e diretor do INSTITUTO GENS.

2 "... as origens da educação se confundem com as origens do próprio homem: desde que existe homem, existe educação", Dermeval Saviani, *Ética, Educação e Cidadania*, in: www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ccs/pebII/saviani.pdf Acesso em 6/01/2010.

Ou, pelo menos, de um tipo de educação e comunicação – o que tem vingado em nossas sociedades: muito embora os discursos, as falas e até mesmo a vontade de um ou outro sejam de humanização e valorização do ser humano, as práticas, todavia, são efetivamente pautadas na dominação do homem pelo homem. Nossa história tem sido, isto sim, o palco da exploração, do abuso e da violência em todas as suas formas possíveis e imagináveis, e tem na sua base, nas suas estruturas, a opção pelo controle do pensamento e do movimento dos homens: vigiar, punir e controlar³. Ao lado da economia da fome – estratégia mais que segura para manter calados milhares de homens, mulheres e crianças –, educação e comunicação sempre foram e ainda são meios mais do que confiáveis para manter a necessária desigualdade entre os homens...

O fato é que uma não existe sem a outra, e ambas, em geral, atendem aos interesses de grupos mais fortes e organizados da sociedade que, exatamente por essa razão, impõem seus modos de ser, de pensar e de agir.

Apenas para citar um exemplo: a atuação dos jesuítas em relação aos primeiros habitantes de nossa terra. O que pretendia o exército inaciano, certo de que era o dono e portador da verdade universal? O que interessava aos homens vestidos de preto senão convencer os ameríndios nus de que suas culturas eram inferiores às da igreja católica romana e que, portanto, por bem ou por mal, deveriam ser cristãos? Não foram a técnica e a linguagem do teatro, entre outras – além, evidentemente, da inevitável truculência física e psicológica –, os instrumentos utilizados por esses colonizadores⁴?

3 Não há como não nos referirmos a Michel Foucault, em Vigiar e Punir, disponível em <http://www.scribd.com/doc/2230603/michel-foucault-vigiar-e-punir> e também a Deleuze em Post-scriptum sobre as Sociedades de Controle, disponível em http://www.portalgens.com.br/filosofia/textos/sociedades_de_controle_deleuze.pdf Acesso em 02/01/2010.

4 Veja, entre outros, o texto "A comunicação como instrumento pedagógico no sermão de Padre Antonio Vieira" in: http://www.cesumar.br/epcc2009/anais/isabela_amaral_franco_silva.pdf Acesso em 02/01/2010.

Há menos de um século, contudo, educação e comunicação vêm aparecendo, sobretudo nos meios acadêmicos, como coisas separadas, como se uma nada tivesse a ver com a outra. Desde então, falar de uma é, intencionalmente, deixar de lado a outra. O que sempre foi visto e tratado como uma só coisa, a partir de então, foi transformado em objetos separados de conhecimento, em áreas distintas do saber.

O que temos visto é algo que resulta de um esforço concentrado de pensadores que têm se esmerado em segmentar os saberes como forma de justificar e atender interesses muito específicos de um tipo de sociedade pautada em certos valores que têm de ser disseminados⁵.

Desse modo, para cada uma delas foram criados os mais diversos dispositivos, visando maior eficiência e eficácia. Noutros termos: uma das características fundamentais de qualquer grupo humano (fenômeno) foi transformada em objetos de investigação científica⁶ que, por essa mesma razão, a partir daí, deveriam ser tratados por especialistas, por gente especialmente estudada para lidar com eles. Numa palavra: por profissionais.

5 Talvez o mais expressivo pensador cientificista seja o francês Durkheim, para quem *"Toda a educação consiste num esforço contínuo para impor às crianças maneiras de ver, sentir e agir às quais elas não chegariam espontaneamente(...) tanto os pais quanto os mestres não são senão representantes e intermediários."* (DURKHEIM, Émile – "A função da divisão social do trabalho" in Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1983.)

6 Para Johann Friedrich Herbart, filósofo alemão do século 19, as bases da educação como ciência tem como objetivo principal, evidentemente, a Moral: *"...criou uma teoria da educação que pretende interferir diretamente nos processos mentais do estudante como meio de orientar sua formação."* In: <http://migre.me/gWsO> Acesso em 4/01/2010.

Sobre Comunicação como Ciência, ver A comunicação como objeto e como teoria: uma breve análise teórica da comunicação social, de Bruno Mourão Paiva, em especial a citação de Vera Regina Veiga França, na página 5: *"Tais estudos estavam intimamente ligados a motivações de ordem política e econômica: por um lado, a expansão da produção industrial e a necessidade de ampliar a venda dos novos produtos (de estimular a formação e a ampliação dos mercados consumidores) estimula o investimento em pesquisas voltadas para o comportamento das audiências e para o aperfeiçoamento das técnicas de intervenção e persuasão. Por outro lado, a reacomodação do mundo sob o impacto da fase monopolista do capitalismo, bem como a ascensão dos Estados Unidos como grande potência imperialista, atribuem à comunicação em papel estratégico."* in: www.jf.estacio.br/revista/educacao06/EC06_comunicacao_ensaio.pdf Acesso em 4/01/2010.

É verdade que a figura do professor já era, há tempos, bastante comum; o “mestre” é um velho conhecido nas sociedades humanas. Todavia, para ele, assim como para qualquer outro membro dos grupos, utilizar-se dos meios de comunicação disponíveis era parte integrante do seu papel de formador de pessoas. A rigor, para o professor nunca houve – nem há – diferença entre educação e comunicação.

O mesmo não se pode dizer da figura do comunicador – ou do comunicador social⁷, como passou a ser conhecido – desenhada para esses novos tempos: a ele caberia informar e entreter as pessoas.

Devidamente preparado pelos centros de formação profissional – em especial, a universidade, braço direito do estado nesta nova fase do capitalismo –, seria convencido de que seu papel nada tem a ver com a educação da sociedade. A este profissional, sobretudo porque desde o início do século 20 são vários e diversos os meios de comunicação – as duas grandes guerras mundiais foram a alavanca necessária para a invenção e alastramento da fotografia, do cinema, do rádio, da tevê, da internet... – caberia oferecer aos homens cansados pelo trabalho estafante opções de lazer a um custo só teórica e aparentemente barato ou gratuito.

Pois é neste contexto de separação entre educação e comunicação que o fenômeno se faz manifesta. E o faz de forma vigorosa, afinal, por maior que tenha sido – e ainda seja – o esforço de certos pesquisadores no sentido de separar os processos educacionais dos processos comunicacionais, visando a especialização dos objetos e a consequente profissionalização de alguns, a força do fenômeno é maior.

⁷ Vale a pena ler Modelos de formação do Comunicador Social no Contexto da Universidade de Serviços no Brasil: dos anos 40 ao terceiro milênio, Maria Ângela Mattos. Uma de suas conclusões: “... o entendimento da comunicação e da formação universitária reduziu-se à pragmática das profissões, levando o ensino a se distanciar de questões complexas e inerentes à dinâmica processual da comunicação na contemporaneidade”. In: <http://migre.me/fJqL> Acesso em 03/01/2010.

Ainda que sejam grandes e insistentes tanto o desejo como a vontade de saber dos maiores interessados no cientificismo contemporâneo, a expressão dos grupos sociais não se intimida... É assim que nas últimas décadas do século 20 o fenômeno novamente se faz presente, agora sob o nome de Educomunicação, e de maneira especial: como reação à operação específica de separação entre educação e comunicação.

Diferentemente das outras vezes, ele se manifesta como instrumento de uso de grupos minimamente organizados das populações mais pobres da América Latina. Em oposição ao esforço dicotomizador dos envolvidos nas práticas de decisão sobre o que as pessoas podem ler, ver e ouvir, a educomunicação nasce nas periferias dos centros reprodutores dos interesses das nações que detém as riquezas desses povos.

É como expressão dos mais profundos sentimentos dessa gente marginalizada da história que nasce a educomunicação. Não mais para que se esqueçam de sua cultura, mas, ao contrário, para que a resgatem e, então, decidam o que fazer com ela.

Foi Mário Kaplún⁸, pensador e ativista argentino, quem nomeou essa prática que não separa mas une educação e comunicação, que ele viu nascer durante sua luta por uma América Latina livre e autônoma, desde os anos de 1970.

8 Como diz o próprio: "A educomunicação pode ser definida como toda ação comunicativa no espaço educativo, realizada com o objetivo de produzir e desenvolver ecossistemas comunicativos." (KAPLUN, Mário. Una pedagogia de la comunicación. Ed. de la Torre, Madrid, 1998) Ou: "A cada tipo de educación corresponde una determinada concepción y una determinada práctica de la comunicación." (KAPLÚN, Mario. El comunicador popular. 3a ed. Buenos Aires: Lumen-humanitas, 1996)

Leia este bonito trabalho sobre a vida e a obra do autor:
www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-1473-1.pdf Acesso em 4 de janeiro de 2010.

Veja também Kaplún e a comunicação popular, de pesquisadores da Universidade Metodista de São Paulo, em especial as citações do autor, In:
<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/AUM/article/download/931/990>
Acesso em 20/12/2009.

De lá pra cá, são muitas as práticas na perspectiva da Educomunicação em vários países do continente americano⁹. Todas elas nasceram e, durante muito tempo, boa parte delas se manteve no seio da sociedade civil, independente de qualquer tipo e forma de governo. Exemplos não faltam, vindos de muitos lugares¹⁰...

O fato é que estamos vivenciando nas duas últimas décadas um dos tantos processos de cooptação dos processos criativos de grupos sociais.

A educomunicação tem caminhado francamente "sob as asas do poder"¹¹.

Transformada em carreira profissional, ela deixa de ser a expressão do grupo social no qual ela nasceu para se transformar, assim como em todas as outras vezes, num certo e determinado modo de ser, de pensar e de agir que tende a reproduzir o mesmo papel de sempre: um eficiente e eficaz dispositivo de poder nas mãos de quem sempre mandou.

Os colonizadores tiraram a roupa preta, os atuais moradores não estão mais nus, o exército continua formado por poucos homens, a truculência física e psicológica (devidamente maquiada) não foi esquecida... mas os ideais e os propósitos são os mesmos: o que pensar e os modos de lidar com esse pensamento já foram oficialmente definidos.

Agora é cursar as disciplinas e aguardar o diploma...

9 Veja, entre tantos outros: "Inter-relações entre Comunicação e Educação: a Educomunicação nas práticas sociais e na educação a distância " in: www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-2148-1.pdf Acesso em 4/01/2010.

Consulte também "Gestão comunicativa e Educação: Caminhos da Educomunicação" in: www.revistas.univerciencia.org/index.php/comeduc/article/viewFile/.../3911 Acesso em 4/01/2010.

10 Leia matéria publicada no Questia Media America, em 1990: <http://www.questia.com/googleScholar.gst?docId=96439849> Acesso em 4/01/2010.

11 Leia entrevista com Sergio Miceli, autor de *Intelectuais e Classe Dirigente no Brasil* in: <http://veja.abril.com.br/250701/entrevista.html> Acesso em 4/01/2010.

Do nosso ponto de vista, as principais características da Educomunicação, a saber: outro discurso e outra gestão¹² são tão importantes que, sem elas, em absolutamente nada a Educomunicação se diferencia de quaisquer outras áreas, em especial a educação escolar e a comunicação social.

Entendemos que essa nova área de pesquisa e ação política – não por acaso nascida nos anos em os países da América Latina foram tomados por ditadores em defesa dos interesses estadunidenses – tem um compromisso que, por certo, nada tem a ver com interesses que efetivamente não contribuem para o fortalecimento de grupos sociais empenhados na construção de uma sociedade justa, fraterna e solidária.

Nada a ver, portanto, com os interesses do mercado, preparando profissionais para melhorar a comunicação de organizações comprometidas, isto sim, com as diversas modalidades de controle dos pensamentos e ações de indivíduos ou grupos. Nada a ver com a formação de profissionais para entreter os alunos na escola, ensinando, por exemplo, técnicas de como impostar a voz, decorar perguntas ou como ser apresentador de programas, meramente imitando e repetindo os padrões da televisão comercial.

Ou a Educomunicação se apresenta como real e possível forma de intervenção social, chamando a atenção de quem quer que seja para que entenda a comunicação como legítimo direito humano e, conseqüentemente, participe de modo efetivo da definição e condução dos rumos do nosso país ou, infelizmente, a Educomunicação é tão somente uma palavra a mais a engrossar o nosso vocabulário, um neologismo sem graça usado por especialistas competentes, isto sim, para indicar compras de equipamentos eletrônicos – e aí sim, bem ao gosto do mercado.

12 SOARES, Donizete. Educomunicação: o que é isto? Disponível em <http://www.portalgens.com.br/portal/educunicacao.html> Acesso em 20/10/2009.

Ora, se a educomunicação é, por excelência, um campo de práticas e também de estudos fundados em conceitos como polissemia, polifonia, dialogia, interdiscursividade, interdisciplinaridade, transdisciplinaridade...¹³ não faz sentido ter à frente de projetos na perspectiva da educomunicação justamente a figura do profissional, do especialista, do sujeito oficialmente reconhecido como competente para lidar com ela¹⁴.

Por quê? Simplesmente porque o profissional – qualquer profissional – tem a responsabilidade social de dar respostas às perguntas que lhe são dirigidas. Isto faz parte do seu papel.

E a Educomunicação é processo, meio, caminho, durante, enquanto, entre, inter¹⁵... Educomunicação não é produto.

13 Conceitos largamente trabalhados por Paulo Freire, Baktin e tantos outros. Inter e Transdisciplinaridade integram os Parâmetros Curriculares da Lei de Diretrizes e Bases atual do Brasil, a LDB 9394/96, in: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/l9394.htm

14 Observe a definição de Educomunicação no site do NCE/USP: "O conceito da educomunicação propõe, na verdade, a construção de ecossistemas comunicativos abertos, dialógicos e criativos, nos espaços educativos, quebrando a hierarquia na distribuição do saber, justamente pelo reconhecimento de que todas as pessoas envolvidas no fluxo da informação são produtoras de cultura, independentemente de sua função operacional no ambiente escolar." In: <http://www.usp.br/nce/aeducomunicacao/> Acesso em 6/01/2010.

15 "Educomunicação não tem a ver com sofisticação de material. Tem a ver com convicção, com intencionalidade. Tem a ver com professores comprometidos com uma educação para formar gente que sabe que as palavras e os meios são, por excelência, ferramentas poderosas para nos transformar em autores, criadores, e não reprodutores de ideias e palavras dos outros. Por isso que a gente diz que em Educomunicação o processo é mais importante do que o produto. (...) dá para produzir jornal até com mimeógrafo (ou papel carbono!), por exemplo. O importante é que esse produto estreite a relação entre as pessoas que o produzem; que sirva para elas observarem mais o que acontece no meio em que vivem, que seja um exercício de escuta do que o outro tem a dizer, uma oportunidade de se colocar sem ser por exibicionismo, mas por ter o que dizer." A afirmação é de Grácia Lopes Lima, mestre em Comunicação (ECA/USP) e doutora em Educação (FEUSP). In: <http://migre.me/gWu8> Acesso em 30/11/2009

Consulte também a tese de doutorado da pesquisadora "**Educação pelos meios de comunicação**" In: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-29042009-152804/> Os anexos (vídeo, áudio e fotos) estão disponíveis em <http://www.portalgens.com.br/livroeducomunicacao/home/> Acesso em 20/12/2009.

Profissional é aquele que professa publicamente um saber. É quem se apresenta como capaz de dar respostas a uma série de perguntas para as quais foi preparado e tem condições para fundamentá-las caso seja solicitado.

Consultar um médico, um advogado, um professor, um pedreiro... é o mesmo que buscar informações minimamente confiáveis de pessoas que, ao menos teoricamente, têm conhecimento aprofundado nessa ou naquela área. É considerar como válidas e importantes, tanto sua fala quanto o seu procedimento. É, enfim, não se contentar com meras opiniões sobre isso ou aquilo.

Não é este o caso da Educomunicação.

Nem parece honesto, tanto do ponto de vista intelectual como do mundo do trabalho, que alguém se apresente como portador de soluções para um grupo de pessoas... Intelectualmente, porque somente um grupo domina uma gama enorme de conceitos, o que, conseqüentemente, a torna incompetente do ponto de vista profissional¹⁶.

Tanto a Educação como a Comunicação – e a Educomunicação – não são áreas de trabalho profissional. Educador, comunicador e educador não são profissões ou categorias profissionais. Educomunicação não é profissão.

Consistem em dar respostas e atender demandas o discurso e a prática de quem trabalha na perspectiva da educomunicação? É o caso de se apresentar como profissional da área quem se propõe (ou deveria se propor) a, juntamente com um grupo de pessoas, buscar saídas coletivas para problemas que são, justamente, coletivos?

16 No entretanto, veja o que afirma a Congregação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo sobre a Licenciatura em Educomunicação: "*A Licenciatura em Educomunicação destina-se a formar um profissional capaz de atender as demandas por um especialista na interface Comunicação/Educação, tanto no ensino formal (docência e assessoria no ensino formal) quanto nos organismos da sociedade voltados para a análise e o uso da mídia com finalidades educativas (assessoria e coordenação de programas em ONGs, meios de comunicação, centros de tecnologia, entre outros).*" In: <http://www.usp.br/nce/?wcp=/novidades/informe,7,806> Acesso em 9/01/2010.

O que menos interessa e importa é a figura de alguém que se apresenta como especialista ou profissional, portanto, supostamente detentor de respostas às perguntas que a sociedade fez, pode ou poderá fazer. Aliás, profissionais especializados e munidos de documentos, planilhas, gráficos, teses, estudos reconhecidos e publicados não faltam; as universidades e centros de pesquisa, à sua moda, fazem muito bem esse papel. Já sabemos, através dessas instituições, quais e quantos são os dados sobre os quais podemos trabalhar...

Além disso, profissionalizar a educomunicação é criar reserva de mercado. É criar todas as condições para dificultar ou mesmo proibir – bem de acordo com as regras do mercado, portanto – que qualquer pessoa possa desenvolver trabalhos na área. É criar um grupo de gente autorizada a, com carteirinha e tudo mais, desde que devidamente registrada e pagando mensalidades a um conselho igual aos tantos que já existem...

Ainda que não chegue a tanto, o simples fato de alguém se apresentar como educador – vale dizer: entendedor de educação e comunicação – já o coloca numa posição de destaque frente ao grupo, se não para os outros (já que felizmente não são poucos os que há muito duvidam dos especialistas), para si mesmo e, então, julga-se no direito de avaliar e julgar o que os participantes do grupo fazem e pensam.

Nada é mais contrário ao novo do que o discurso regulamentado, oficializado e reconhecido. Nada é mais retrógrado e conservador do que a mera repetição de práticas e procedimentos que deram certo nesse ou naquele lugar. Nada é mais contrário à Educomunicação do que a falta do olhar e da atitude crítica diante do que é permitido e apresentado como certo, testado e, portanto, passível de reprodução. Nada se opõe mais à Educomunicação do que uma certa e atual concepção de ciência, que fundamenta a ação de muitos pesquisadores que se julgam capazes de responder aos anseios da sociedade.

Definitivamente, não é o profissional que falta à educomunicação.

O que falta é gente suficientemente capaz de ousar outros modos de ver e de se portar frente a si mesmo e aos outros, gente comprometida com o nosso tempo, conosco mesmos e com o nosso país, gente séria (no sentido de envolvida e comprometida) trabalhando com a educação e os meios de comunicação como formas de expressão das necessidades, dos sonhos e da necessária e possível transformação da realidade.

Ocorre que não há como ousar outros modos de ver a realidade sem igualmente ousar alterar o modo de lidar com ela. Ou seja, do ponto de vista crítico, não há como observar o mundo, em especial o que há de mais próximo de cada um de nós, e se conformar com ele – a menos que se tenha algo a perder, evidentemente: o apego ao que vai de um bem material ao status ou poder – ou um “poderzinho” qualquer – que se acredita ser possuidor.

E o que é a educomunicação senão a possibilidade real de concretização de sonhos? De sonhos que se transformam em projetos de grupos sociais que assumem, a seu modo e em suas mãos, a linguagem e a tecnologia dos meios de comunicação, não pra repetir ou reproduzir o que a indústria das mídias faz, mas para buscar, e coletivamente construir, os seus próprios modos de pensar e falar sobre si mesmos e sobre o tempo em que vivem?

São Paulo, 10 de janeiro de 2010.



Educomunicacao nao e profissao by [Donizete Soares](#) is licensed under a [Creative Commons Atribuição-Uso Não-Comercial-Vedada a Criação de Obras Derivadas 2.5 Brasil License](#).

**Based on a work at www.portalgens.com.br.
Permissions beyond the scope of this license may be available at
<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/2.5/br/>.**